

TRILOGIA TRÁGICA NO TEATRO NACIONAL

***Electra* no palco do Teatro Nacional**

JOSÉ PEDRO SERRA

Título: *Electra*. Texto e encenação: Tiago Rodrigues. Interpretação: Ana Águas, Flávia Gusmão, Lúcia Maria, Manuel Coelho, Marco Mendonça, Maria Amélia Matta, Miguel Borges, Paula Mora, Sandra Pereira e Victor Yovani. Música original: Gabriel Ferrandini. Cenografia: Ângela Rocha. Figurinos: Magda Bizarro e Ângela Rocha. Desenho de luz: Nuno Meira. Desenho de som e sonoplastia: Sérgio Henriques. Assistente de encenação: Filipa Matta. Produção: Teatro Nacional D. Maria II. Local e data de estreia: Sala Garrett do Teatro Nacional D. Maria II, 30 de Setembro de 2015.

Para os pseudopuristas, entre os quais me não incluo, considerando que o regresso ao antigo mito de *Electra* e à sua encenação deve necessariamente seguir mais ou menos fielmente os textos de Sófocles ou de Eurípides, a representação da *Electra* de Tiago Rodrigues, integrada na trilogia *Ifigénia, Agamémnon, Electra*, não pode ter deixado de constituir uma decepção. Por mim, tendo em conta a própria plasticidade do mito e a liberdade que, apesar de tudo, os antigos tragediógrafos tinham para construir o drama, o afastamento dos textos dos antigos tragediógrafos não só não me ofende como me parece inteiramente legítima. No caso presente, creio até que o texto de Tiago Rodrigues, cuja influência da *Electra* de Sófocles e da *Electra* de Eurípides (o universo do *Orestes* também não lhe é totalmente estranho) é manifesta, constitui o ponto de maior relevo e o mais bem conseguido da representação apresentada. Trata-se de um texto coerente e subtil, por exemplo na articulação entre perguntas e afirmações – aquelas caracterizando as atitudes das personagens argivas, à excepção do Velho, que, devido à idade, não mais se arrisca nas perguntas, limitando-se a afirmações lineares. O desenvolvimento desta relação entre pergunta e afirmação, mais perceptível na leitura do texto do que o foi na representação, é um dos aspectos interessantes do texto dramático.

A qualidade do texto, porém, não resolve muitas das questões e das perplexidades que a encenação suscita, introduzindo no espectáculo um ruído e uma desfocagem que, creio, o prejudicam. Vejamos alguns exemplos do que acabo de dizer, sem os procurar ordenar de acordo com a importância que podem possuir. Em primeiro lugar, não é clara a razão da relação erótica que, em certos



ELECTRA, TEXTO E ENC. TIAGO RODRIGUES, TEATRO NACIONAL D. MARIA II, 2015 (FLÁVIA GUSMÃO),  
[F] FILIPE FERREIRA



ELECTRA, TEXTO E ENC. TIAGO RODRIGUES, TEATRO NACIONAL D. MARIA II, 2015 (FLÁVIA GUSMÃO E MIGUEL BORGES),  
[F] FILIPE FERREIRA

momentos da *performance*, é notoriamente perceptível entre Orestes e Electra. Qual a razão para esses gestos de conotação erótica e qual a intenção dessa sugestão? A legitimidade da pergunta não assenta apenas na ausência dessa relação no mito antigo, nem tão-pouco na estranheza dessa linguagem no mundo antigo. Sabemos as leituras de carácter pulsional e erótico que Édipo e Electra ganharam no mundo contemporâneo. Mas, ainda que à luz do que a modernidade pode trazer aos mitos antigos, o que pode significar a erotização da relação fraternal entre Orestes e Electra? Não o compreendi, e a sugestão foi para mim inteiramente clara e manifesta.

Ainda posso aceitar a utilização da banheira como sepultura de Agamémnon, tendo em conta as circunstâncias ultrajantes que rodearam a morte do rei de Argos – morto nu, envolto numa rede enquanto se banhava, sorte cruel e irónica para com o vencedor da guerra de Tróia. Já a presença da cama e a utilização que dela se faz não me parece clara. Mas o que me causou mais estranheza foi o comportamento histriónico, em alguns momentos paroxisticamente histriónicos, de Egisto e do camponês marido de Electra. Tal exagero, que aliás se situa num nível análogo ao das cenas em que Electra «joga boxe» e simula tocar «guitarra eléctrica», subverte o ambiente trágico, enfraquece-o, além de não se compreender a lógica interna de tais atitudes no seio do drama que se está a representar. Esse exagero nos gestos não me parece apropriado ao clima tenso e grave que a tragédia propicia e exige. A falta de gravidade arrasta consigo um acréscimo de dificuldade na compreensão do próprio texto.

Ainda duas notas relativamente a dois aspectos que me soaram de forma desagradável: a primeira diz respeito à expressão de uma frase em castelhano que, aliás, não encontrei no texto escrito. Para quê? Para mostrar o carácter estranho, estrangeiro? Mas não basta a necessária convenção da cena? Em segundo lugar a repetição do termo *argianos*, inexistente em português, por *Argivos*. Bastaria uma consulta ao *Vocabulário da Língua Portuguesa*, de Francisco Rebelo Gonçalves, ou aos *Índices de Nomes Próprios Gregos e Latinos*, de Maria Helena Ureña Prieto, para o confirmar. E o texto merece-o.

Em suma, um texto interessante que provoca reflexão e propicia uma justa fruição na leitura, mas um espectáculo que introduz demasiado ruído, facto que se traduz numa «dispersão dramática» com a inevitável perda de intensidade trágica. E esse ruído nada tem que ver com a música apresentada, perturbante e intensa, claramente apropriada para o clima desequilibrado e funesto que se vive na cidade de Argos.